



# LUSITÂNIA

O ROCK E O METAL PORTUGUÊS

BANDAS EM DESTAQUE

Charles Sangnoir • Dallian

Ray • Sacred Sin • Vëlla

# BALANÇO

ANO II • NÚMERO 24 • AGOSTO 2022

# EDITORIAL



#24  
Agosto 2022

Este número da Revista Lusitânia será o último, e como tal, um **balanço** destes dois anos está na ordem do dia, neste editorial e nos textos dos nossos colaboradores. Independentemente das razões deste fim, ficam os vinte e quatro números editados, de que muito nos orgulhamos, mas também as nossas falhas, umas que acabam por ser causas do fim, outras consequências.

Falhámos na captação do interesse das bandas e das entidades promotoras para a divulgação dos seus trabalhos. Com raras exceções, ainda hoje continuamos à pesca de notícias para fechar a edição deste número.

Falhámos na angariação de colaboradores para a Lusitânia, no âmbito da criação de conteúdos e opiniões sobre este nosso mundo do Rock e do Metal Português.

Falhámos no financiamento da Lusitânia, quer através de apoios quer através de publicidade. Embora o Ano I tenha dado

lucro, e parte dele tenha sido distribuído pelos colaboradores de então, o fim do acesso à nossa gráfica inicial, aumentou os custos de edição no Ano II, tornando o projeto menos viável a meio desse mesmo ano.

Falhámos no nosso objetivo de publicar uma curta por dia, ou o equivalente a uma curta por dia, no nosso website. Ficámos pelos 72%, positivo mesmo assim.

E falhámos nalguns projetos que nunca viram a luz do dia, como por exemplo os livros da Lusitânia, onde a ideia era reunir os textos publicados por temáticas e por tipos, e que incluíam também os textos e entrevistas recebidos após o fecho de edição de cada número, e que nunca foram publicados. São hoje publicados dois deles.

O único projeto que vê hoje o seu nascimento é a compilação das edições de autor, mesmo assim a meio gás. Este projeto também é o único que terá continuidade no futuro pelas mãos da *Ethereal Sound Works*.

Resta agradecer a todos os colaboradores que passaram pela Lusitânia, a todas as bandas com quem trabalhámos, a todas as entidades que invadimos a sua privacidade, desde do técnico ao dono da

loja de discos, e a todas as tais raras exceções, que de certo modo alimentaram parte dos conteúdos da revista ao longo de dois anos. Obrigado.

Uma última palavra aos nossos assinantes e compradores regulares da edição física da revista, pela sua paciência em aguardar serenamente a chegada da edição física às suas casas. Obrigado.

Em relação a este número, e no âmbito do tema de capa, Balanço, temos as opiniões de Rui Ferraz e Nuno C Lopes.

As bandas em destaque são Charles Sangnoir, os Dallian, Ray, os Sacred Sin e os Vëlla.

Temos ainda as colunas Exórdios de Hélder Raposo, Perdidos no Sótão de José Bonito e Tudo Isto é Fixe, Tudo Isto é Rock de Pedro Jeremias, os Lançamentos deste Mês a nossa Agenda. Ilustrações a cargo de Daniel Lucas e Manuela Lino.

Obrigado e até já...

## OS METALICÕES POR DANIEL LUCAS

E É ISTO,  
A REVISTA LUSITÂNIA  
FECHA UM CICLO.  
FOI UMA BOA CASA  
PARA NÓS.



FOI SIM.  
UMA DAS MELHORES  
CASOTAS DE CÃO  
QUE JÁ TIVE.



ENTÃO...  
E AGORA?



NÃO SEI.  
DEIXAR ISTO DO ROCK E METAL.  
CORTAR O CABELO.  
MUDAR DE ESTILO DE VIDA...



NAAAAAAH!



NOTA DO AUTOR: OBRIGADO, REVISTA LUSITÂNIA.

# NADA DURA PARA SEMPRE

Tudo o que é bom tem um fim. Mas tem o seu lugar e o seu propósito. Existiu por um motivo.

Quando o Gonçalo me falou pela primeira vez de criar uma revista sobre Rock e Metal Português, no início da pandemia, não pensei logo sobre tudo o que poderia ser. Sim, havia uma gritante falta de espaço para divulgar este tipo de música tocada em Portugal. Mas existiam revistas físicas, como a Loud!, e havia concertos todos os fins-de-semana em vários espaços do país. Mas tudo isso morreu. Ficámos em casa, sem acesso à música como ela foi feita para ser experimentada: com os nossos pares. Quer tocada ou ouvida. As bandas ficaram em *stand-by*, os músicos e a entourage subitamente desempregada. E os canais de comunicação com o público foram cortados como se de um apagão se tratasse. E do caos nasceu a Lusitânia.

Não foi fácil. Não é fácil. Nem neste último número. São muitas as bandas que não respondem, ou acham que dá tempo para responder. O apoio de entidades externas é pouco. E o nosso tempo também é o que sobra das nossas vidas pessoais e profissionais. E, com os últimos estertores da pandemia, esse tempo acabou. Mas faz sentido que a mesma Lusitânia que nasceu do caos morra quando chega a normalidade. Foram dois

anos em que alcançámos muito daquilo a que nos propusemos. Damos palco a todas as bandas que assim o quiseram, através das redes sociais e de uma publicação mensal em registo online e físico.

Quando discutimos a revista estabelecemos algumas (poucas) regras. Deveria ter um tema central à volta do qual gravitassem a generalidade dos artigos. Apesar de informarmos os lançamentos e novidades do mês, não faríamos *reviews* dos mesmos. Porque sempre foi nossa intenção que os nossos leitores disfrutassem da música sem ideias preconcebidas sobre o que estavam a ouvir. E toda a música merece ser ouvida, independentemente de quem a toca e como. Como músico sofrível, digo sempre que a minha música não tem culpa de ter sido criada ou tocada por mim.

A revista não se centrou exclusivamente nos músicos. Falámos com designers, fotógrafos, roadies, radialistas e escritores. Com fãs. A música não é um exclusivo de quem a toca. É de todos. E não significa o mesmo para ti que para mim. A tarefa está terminada? Não. Continuamos a precisar de quem nos informe. As bandas e artistas de originais continuam a precisar de espaço num mundo dominado por bandas de covers. E nós, que giramos à volta destes “deuses” da música, precisamos de continuar a ter

voz. Durante dois anos foi nossa a tarefa de guardar e fomentar a música portuguesa. Cuidámos dela e agora passamo-la a quem virá de seguida. Tivemos muitos colaboradores durante estes dois anos, e de todos recebemos muito mais do que aquilo que lhes demos. Será entre eles que nascerão certamente os próximos projetos editoriais. Existe qualidade, capacidade e vontade para mais do que o que fizemos. Quero agradecer, finalmente, ao Gonçalo pela visão que eu não tive naquela altura. Mas são destas pessoas que a música vive. De quem é capaz de sonhar e transmitir esses sonhos a todos nós. A mim encontrarão por aí nos concertos, bares e lojas de discos deste país.

Nada dura para sempre, mas é na viagem que nos sentimos vivos. Não no destino. E foi uma viagem do caraças. --- RF



# ÚLTIMO CAPÍTULO

Foi com alguma surpresa que, há pouco mais de dois anos, recebi o convite para participar naquilo que viria a ser a Revista Lusitânia e foi com um imenso orgulho e agradecimento que aceitei. Afinal, o que me era proposto era um desafio e permitia-me, acima de tudo, pensar a música e tudo o que a rodeia.

Agora, é um ciclo que se fecha, para mim e para todos os que, com muito espírito de sacrifício e dedicação levaram até vós algum do Rock e Metal e outras coisas mais que se fazem neste cantinho chamado Portugal. O resultado cumpriu a visão de que, ao longo do tempo, cumpriu o seu papel com independência, rigor e seriedade.

Não vale a pena estar aqui a falar sobre despedidas e do quão difíceis elas podem ser, até porque aqui não se aplica. Foi um ciclo que se iniciou e que, dois anos e uma pandemia depois, se fecha com a sensação de dever cumprido.

Da minha parte, a surpresa e orgulho, foi-se transformando em desafio e, vezes sem conta, me vi catapultado para terrenos menos conhecidos e obrigado a navegar para fora de pé. Esse foi o maior desafio, mas que, pese embora os inícios tremidos, o começa e apaga de um texto, obrigaram-me a conhecer outros territórios que,

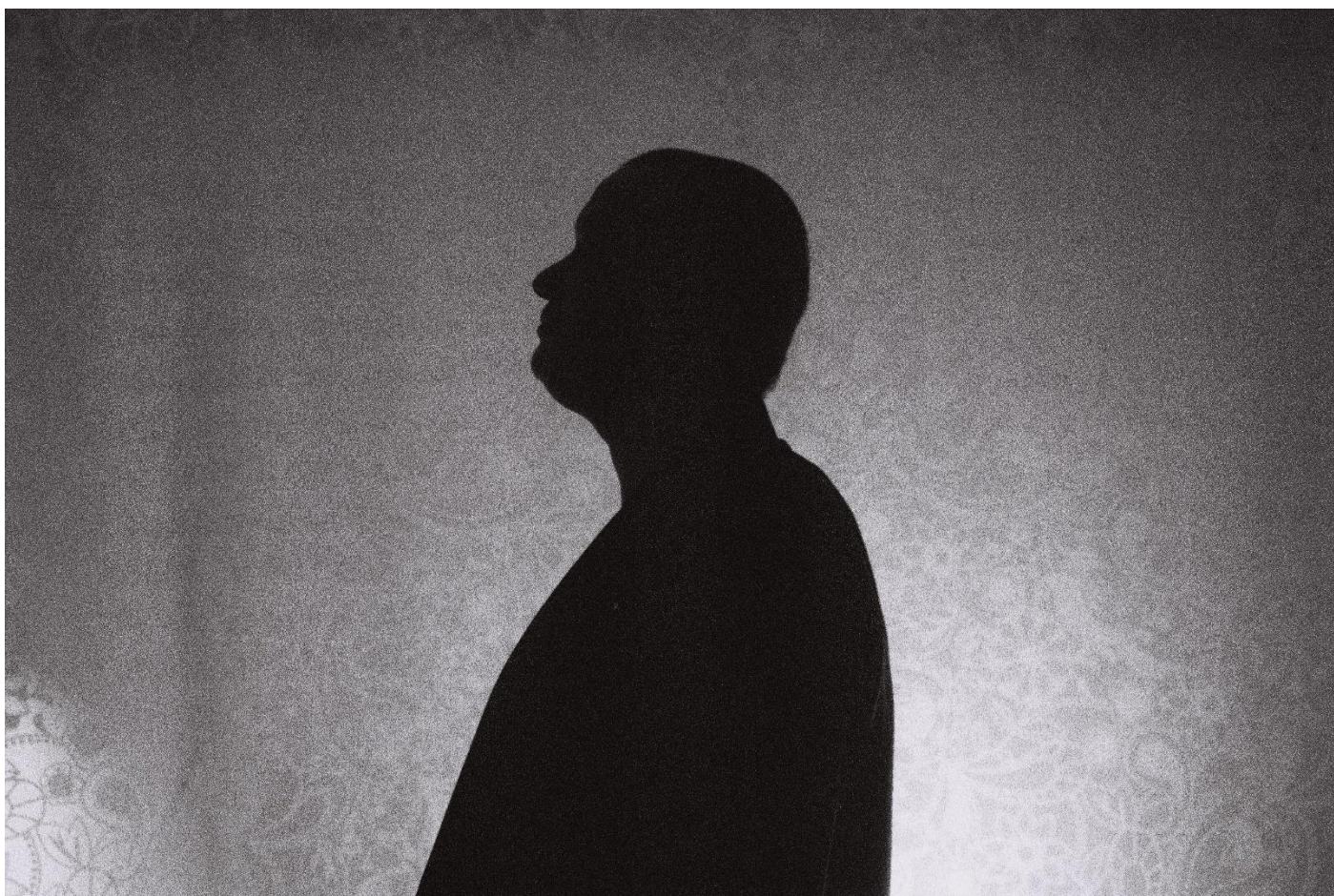
feitas as contas, fazem todos parte do mundo das artes e (quase) sempre se unem e fundem na música.

Assim, e porque não me quero alongar, para não tornar isto num manancial de saudosismo e de clichés, fica o agradecimento a todos os leitores, a todos os colegas que comigo partilharam as páginas da Lusitânia, ao Gonçalo João pelo convite e pela coragem desta criação e, claro, a todos os músicos e artistas que partilharam a sua arte connosco e com todos vós que nos leram e acompanharam.

Fecha-se o ciclo, mas não há lugar a tristeza. Certamente que nos iremos continuar a ler, a ver, a falar, a debater ao som da música e da arte. --- NCL



# CHARLES SANGNOIR



© Carina Rodrigues

## Entrevista a Charles Sangnoir:

DEPOIS DA EDIÇÃO DE CRUZ CREDO DOS LA CHANSON NOIRE EM 2020, CHARLES SANGNOIR CHEGA AGORA AO SEU TERCEIRO DISCO DE ORIGINALS A SOLO TRÊS ANOS APÓS O LANÇAMENTO DE ON FIRE. NA TUA PERSPETIVA, O QUE NOS OFERECE A NOVIDADE BUNKER A TODO O TEU PERCURSO DISCOGRÁFICO E QUAIS AS DIFERENÇAS PARA O TRABALHO ANTERIOR?

Bunker é uma progressão natural em relação aos meus últimos dois discos a

solo. Não é um disco inovador, é um veículo para debitar o meu amor pelo *blues* e pelo *Rock'n'Roll*, na melhor das hipóteses é mesmo um disco anacrónico, pois foi gravado quase exclusivamente com instrumentos dos anos 60 e 70. É a última parte de uma trilogia de homenagem aos meus *bluesmen* favoritos: Muddy Waters, BB King e Howlin Wolf.

Para um próximo disco, aí sim poderemos falar de inovação, para já é vintage, retro e poeira com fartura.



ESTE TRABALHO É DESCRITO COMO MAIS INTIMISTA E PROFUNDO ONDE A FUSÃO BLUES, ROCK E ALGUM PSICADELISMO ATINGE MOMENTOS DE ESPECIAL REQUINTE. CONCORDAS? QUAIS AS TUAS EXPECTATIVAS EM RELAÇÃO A ELE?

Concordo plenamente, é um dos meus discos mais nus em termos de arranjos e produção, um disco mais cru e mais próximo das minhas influências a nível de *blues e rock'n'roll*. Quanto às expectativas, absolutamente nenhuma, agrada-me pensar que este disco possa dar tanto prazer a escutar como me deu fazê-lo, mas eu lanço discos mais pela necessidade do parto criativo do que pelos louros...

PARIS/LISBOA É UM DOS TEMAS DE DESTAQUE NESTE DISCO ONDE A TUA VERTENTE DE DARK/BLUES/ROCK CROONER PARECE ESTAR MAIS

APRIMORADA. EM QUE MEDIDA O FACTO DE RESIDIRES EM PARIS AFECTOU A COMPOSIÇÃO NÃO SÓ DO TEMA MAS DE TODO O TRABALHO?

A nível técnico, sobretudo, viver em França permitiu-me dar um salto enorme; tenho tido a possibilidade de adquirir e utilizar material que seria muito mais difícil de obter em Portugal, especialmente amplificadores e efeitos dos anos 60 e 70. O facto de passar a maior parte do meu tempo a gravar ou a compor, assim como dar aulas de música, deu-me um *boost* enorme e um jogo de cintura extraordinários que vou poder colocar em prática também em cima de palco. E depois tens a vida em Paris, uma lufa-lufa constante, uma atividade frenética, repleta de episódios que me inspiram a escrever!

LIRICAMENTE SOBRE O QUE VERSA ESTE BUNKER?

O disco chama-se Bunker pois foi composto essencialmente durante o período de confinamento imposto pelo COVID, e a maior parte dos temas tratam, seja desse isolamento, seja de memórias de histórias passadas que fui obrigado a visitar na falta de vivências novas. Há, portanto, uma dicotomia interessante entre um presente preso no confinamento e a busca da memória por vivências passadas.



AS SESSÕES DE GRAVAÇÃO TIVERAM LUGAR ENTRE FRANÇA E PORTUGAL TENDO A PRODUÇÃO FICADO A TEU CARGO. COMO DECORRERAM ESSAS SESSÕES E QUAIS OS MÚSICOS QUE TE ACOMPANHARAM NESTA NOVA OBRA?

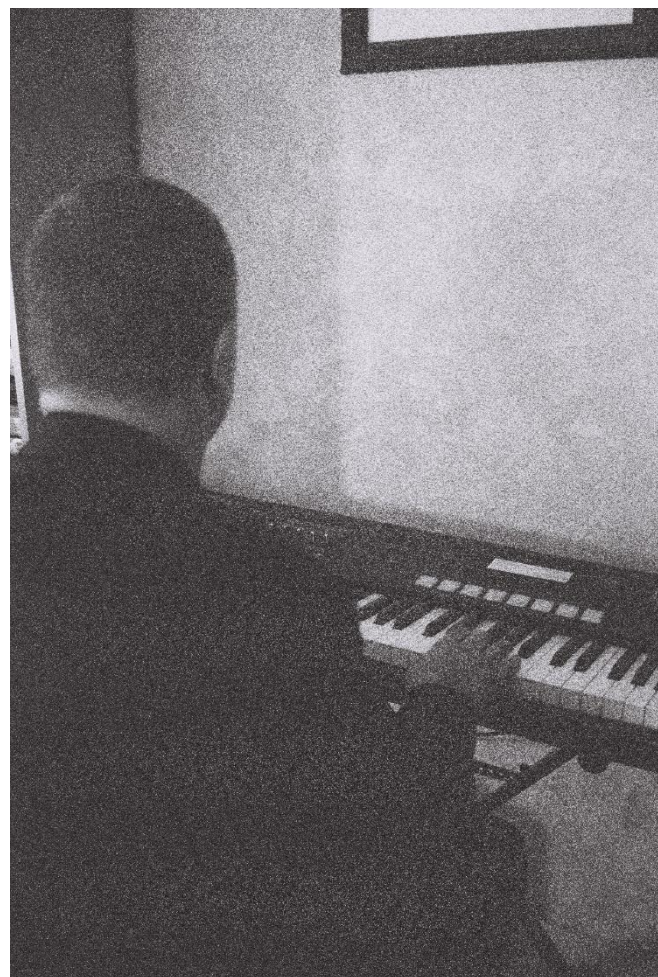
Os músicos que me acompanham neste disco são os que me acompanham em palco, seja em Portugal ou em França: Clément Smadja e Paulo Bucho na bateria (deixo-te adivinhar quem toca comigo onde) e a Alix Ioffler no baixo. O disco conta também com a participação do fado Eddie Nelson, com quem adoro me meter em aventuras, em com as vozes off do extraordinário José Anjos e da radialista Madrilena Mary Jo.

A EDIÇÃO FICOU A CARGO DA VIOLETA EXÓTICA, DA RAGING PLANET E DA LARVAE RECORDS. DIZ-NOS O PORQUÊ DESSA OPÇÃO?

A Violeta Exótica é a minha editora, a minha casa mãe, construída com carinho e trabalho ao longo dos anos (antigamente conhecida como necrosymphonic) e a Raging Planet pela longa relação de amizade e apoio que tenho com o Daniel Makosch. A Larvae pois, trabalhamos juntos no último disco de La Chanson Noire e fiquei estupefacto com a eficiência e seriedade com que trabalham. Tudo gente boa, portanto!

O QUE SE ENCONTRA PLANEADO E AGENDADO EM TERMOS DE DIVULGAÇÃO E PROMOÇÃO NO IMEDIATO E NUM FUTURO PRÓXIMO PARA ESTE NOVO TRABALHO?

Para já meter a criança cá fora e ver como se porta - não tenho datas marcadas nem concertos oficiais; desta vez quero só sentar-me e observar de longe para ver o que dá. além disso, a vida em Paris é exigente e eu neste momento quero mesmo é férias!



© Carina Rodrigues

© Manuela Lino



July 7, 2021  
Manuela Lino

# DALLIAN



Entrevista aos Dallian:

## QUEM SÃO OS DALLIAN?

Os Dallian são uma banda que mistura metal com a estética do *steampunk*, líricamente usando histórias num passado retro futurista. A banda une elementos como *death metal* moderno, rock progressivo, música orquestral e *world music*. Os membros são Carlos Amado na guitarra e voz, Ricardo Carniça na guitarra e backing vocals, Leandro Faustino na guitarra e André Fragoso na bateria.

## O QUE LEVA UMA BANDA A REEDITAR O SEU ÁLBUM DE ESTREIA QUATRO ANOS DEPOIS?

O principal motivo foi porque não queríamos estar a lançar nada de novo em altura de pandemia. Não somos uma banda muito grande e lançar algo nesta fase complicada ia limitar toda a promoção que iríamos a fazer a nível de concertos. Também acresce que entrámos em parceria com a editora Chaosphere Recordings e decidimos que seria bom a nova edição do álbum ser feita por esta editora, para termos o velho trabalho e o mais recente no seu catálogo.



OUTRA NOVIDADE É O LIVRO DE CARLOS AMADO SOBRE O TEMA THE NUN FROM AZRAEL. QUAL A HISTÓRIA?

Sim, o livro brevemente será lançado e tem como intuito desenvolver a trama que se encontra no videoclip The Nun From Azrael. Este tem como foco uma seita criada em Otterbourne, Inglaterra em 1880. Esta Seita, denominada de Culto de Azrael, foi criada por uma freira da ordem extinta. A história transporece a psicologia de cultos e como operam, tendo no seu centro o terror psicológico.

QUAL A NOVIDADE DOS DOIS TEMAS BÓNUS DESTA REEDIÇÃO?

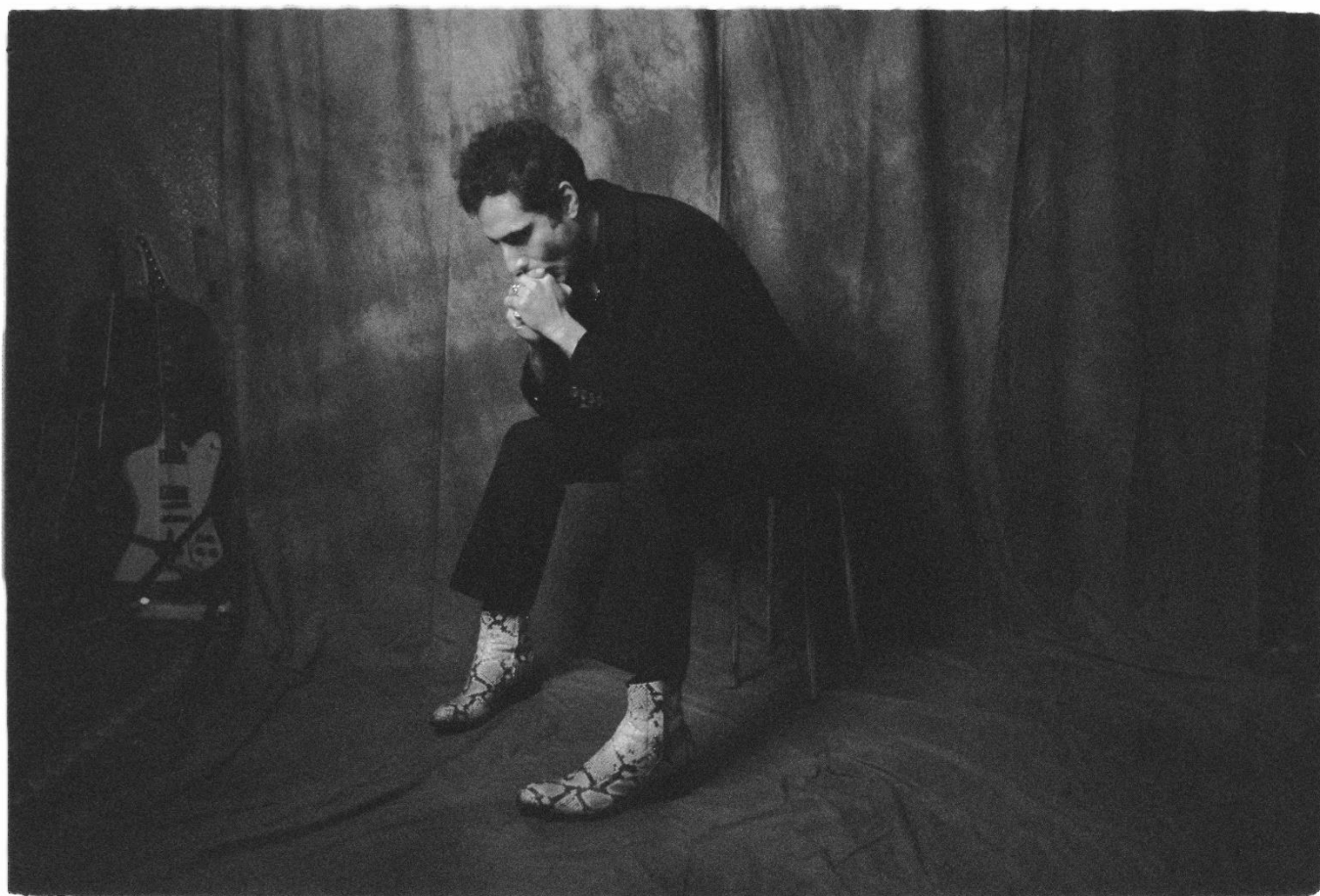
Estes temas focam-se na parte orquestral do álbum. Há sempre pormenores que ficam pouco perceptíveis devido ao estilo musical. Achámos que seria uma boa ideia dar a ouvir às pessoas. Esta conta com medleys de vários temas.

E PARA QUANDO UM SEGUNDO ÁLBUM?

Neste momento, não podemos revelar datas, mas está tudo em andamento e parece-nos que a situação em relação à pandemia já se encontra mais favorável, pelo que vamos fazer esforços para lançar brevemente e apresentar o álbum ao vivo.



# RAY



© Kid Richards

Entrevista a Ray:

## QUEM É RAY?

Um coletivo de um. A minha ideia é estar rodeado de pessoas que admiro. Há uma sensação de liberdade enorme neste processo, pois a ideia é deixar que cada um deles imprima o seu ADN nas canções e em cada futuro álbum. A comunhão é algo muito desejado por mim nos concertos, mas acredito que é na altura em que estás a gravar as canções que essa sensação de pertença deve nascer. Acho que é isso.

## E COMO NASCE ESTE DISCO RAY?

Nasce de forma muito natural. Na verdade, não fiz nada de diferente daquilo que fiz no passado com Poppers por exemplo. Fotografei uma fase da minha vida. Na verdade, uma fase caoticamente rica, como a vida deve ser.

## LIRICAMENTE, O QUE RETRATA RAY?

Uma fase da minha vida onde a noite tomou conta do dia, sem pedir grande licença. Talvez o disco mais escuro da minha carreira.



O ÁLBUM TEM O SELO DA LUX RECORDS, COMO SURTIU A OPORTUNIDADE?

Conheço o Rui há muito tempo e admiro muito o seu trabalho assim como todo o catálogo da Lux Records. Parte dos discos nacionais que tenho em casa foram editados pela Lux. Fizemos chegar o disco ao Rui, ele quis editar... *et voilà*.

OS TELEDISCOS CITY COWBOYS E BATHTUB STORIES DATAM DE 2020. CONSEQUÊNCIAS DA PANDEMIA? E PORQUÊ A ESCOLHA DESTES DOIS TEMAS?

Sim. Achei que o disco deveria sair quando fosse possível procurar essa tal comunhão habitual num concerto de *rock'n'roll*. Não me via a tocar o disco ao vivo onde as pessoas estavam sentadas, de máscara, a 50cm de distância. Não me fazia sentido. Daí a espera.

A City Cowboys liricamente homenageia um grupo grande de amigos, muitos deles acabaram por tocar no disco. Fazia todo o sentido que essa fosse a primeira canção a sair. A *Bathtub Stories* é o que achamos ser um bom single. Direta ao assunto. Não houve grande estratégia na escolha deste segundo tema. Na verdade, podia ter sido qualquer tema do disco.

PARA TRÁS FICOU TAMBÉM A PASSAGEM PELO NO AR DA ANTENA 3. QUE LEMBRANÇAS GUARDAS?

Foi super bonito. Puro, sem rodriguinhos. Chegámos e mostrámos que a nossa música tinha um enorme potencial ao vivo. Ficámos super felizes com o resultado.

COMO CORREU A APRESENTAÇÃO DO DISCO NO MUSIC BOX?

Muito bem. A tal comunhão deu-se.

E PLANOS PARA O FUTURO?

Tocar ao vivo o máximo possível. Neste momento estamos focados em mostrar em cada palco que nos queira receber o que andámos a fazer.



SACRED SIN



Entrevista a Jorge Costa dos Sacred Sin:

STORMS OVER THE DYING WORLD É A VOSSA NOVA PROPOSTA SONORA. MUSICALMENTE QUE DIFERENÇAS EXISTEM ENTRE ESTE NOVO TRABALHO E O ANTERIOR GROTESQUE DESTRUCTO ART?

O Storms é, digamos assim, o resultado do processo de evolução da banda e dos músicos que fazem parte da banda no momento, e foi elaborado com maior dedicação e sem pressões. Alguns temas já tinham saído em demo há uma década atrás e estavam, digamos assim congelados ou em gestação lenta, aguardar a altura certa e equipa certa para pegar neles e os registar no formato físico para conhecimento do público.

O Grotesque foi uma aventura musical, com alicerces totalmente diferentes. Era um projeto que já tinha falado com o Luís Simões, ainda nos anos 90, em fazer um disco juntos, e assim foi... O processo foi totalmente espontâneo, ou seja, as ideias fluíram e passaram para a fita sem grandes preocupações. Era fazer como se ainda estivéssemos no início dos 90. Foi gravado em direto, com um mínimo de caprichos de produção, com fórmulas simples e diretas, o que interessava era manter a intensidade e brutalidade sonora.

E O QUE OFERECE ESTA NOVIDADE À VOSSA DISCOGRAFIA E QUAIS OS SENTIMENTOS EXISTENTES NO SEIO DA BANDA EM RELAÇÃO AO DISCO?

Este novo disco é, na minha opinião, claro, o nosso álbum mais elaborado e intenso, onde estão elementos clássicos da nossa sonoridade *death thrash old-school* com harmonias e melodias épicas, sempre com brutalidade sonora.

Estamos todos muito satisfeitos com resultado da produção, o processo de gravação foi demorado, devido ao confinamento, mas isso permitiu ouvir mais e escolher as melhores ideias para cada tema, em cada instrumento e em cada pista de gravação. Estamos orgulhosos deste resultado e ansiosos por partilhar com todos.

SURGEM UMA VEZ MAIS DE FORMAÇÃO RENOVADA DESTACANDO-SE O REGRESSO EFETIVO DE TÓ PICA À BANDA COMO JÁ O EP BORN SUFFER DIE HAVIA CONFIRMADO. EM QUE MEDIDA TODAS ESTAS ALTERAÇÕES INFLUENCIARAM O PROCESSO DE COMPOSIÇÃO DO ÁLBUM?

Sim, a formação mudou, em relação ao EP de 2020, entrou para a bateria o Fernando Dantas, nosso amigo e que já em 95 havia tocado connosco, e desta vez conseguimos fazer um álbum juntos e deixar a presença dele marcada na nossa discografia!!

O Tó Pica já tinha entrado no final de 2019, e todos participaram na composição dos temas. Devo salientar o papel do Luís Coelho, que ajudou me imenso na pré-produção dos temas. A produção e mistura ficou a cargo do Tó Pica. Foi tudo resultado de um trabalho de equipa.



## EM TERMOS LÍRICOS, QUE ASSUNTOS SE ABORDAM EM STORMS OVER THE DYING WORLD?

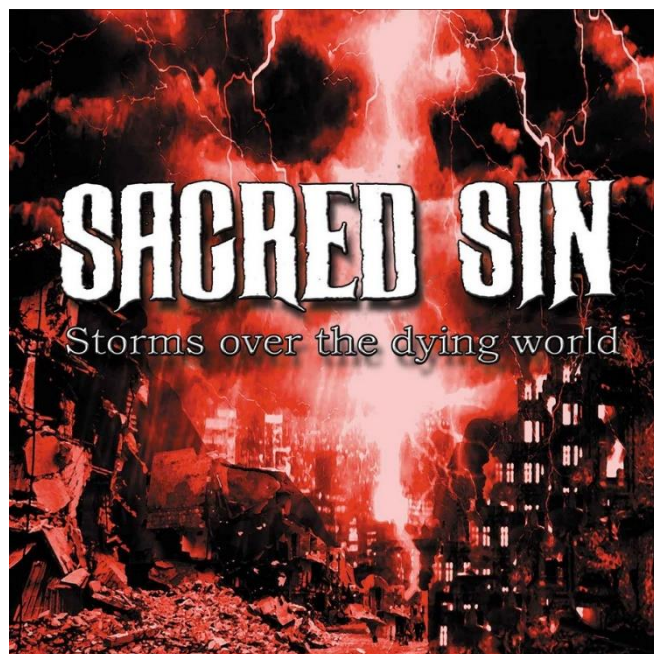
Neste disco, os assuntos abordados são principalmente reflexo das minhas preocupações com ambiente. A terra que herdamos de nossos pais, e o que iremos deixar para nossos filhos. A ciência e tecnologia têm evoluído rapidamente, mais rápido que as mentalidades e sociedade.

Também existe cada vez mais um fosso maior entre o indivíduo e o coletivo. Nos temas deste disco falo sobre isso, e sobre as temáticas clichê, digamos assim, como a guerra, depressão e angústia como já abordei no passado. De um modo geral, são uma reflexão deste momento.

## A PRODUÇÃO DESTE DISCO FICOU A CARGO DO TÓ PICA E DA BANDA. CONTEM-NOS O PORQUÊ DESSA OPÇÃO

## E COMO DECORRERAM AS SESSÕES DE GRAVAÇÃO?

Ficamos muito contentes com o resultado do EP Born Suffer Die, e logo o plano para este álbum seria manter nesta linha. As sessões foram decorrendo ao longo dos meses, sem stress, e sempre com o objetivo de fazer o que a música estava a pedir, ou seja, o que sentimos na altura e que cada nota fosse ajudar a contar a história e fizesse sentido. Sempre algo pessoal, pois claro, e subjetivo é certo, mas creio neste ponto o novo disco é explicitamente o



mais bem conseguido da nossa discografia.

## QUAL O CRITÉRIO QUE MOTIVOU A ESCOLHA DOS SINGLES DE APRESENTAÇÃO DO DISCO?

Escolhemos os temas que acreditamos representarem melhor o disco. Não é tarefa fácil, pois este disco não tem *fillers*, ou seja, não há temas aqui para encher e fazer número... Todos os temas são singles e valem por si.

## O QUE SE ENCONTRA PLANEADO NO IMEDIATO E PARA O FUTURO EM TERMOS DE PROMOÇÃO E DIVULGAÇÃO DESTE NOVO TRABALHO?

Vamos fazer vários concertos de apresentação deste novo álbum, serão concertos onde iremos tocar o novo álbum e apresentar o nosso novo espetáculo ao vivo. Até ao final do ano, serão vários

concertos em Portugal, e no próximo ano, vamos também para fora.

VAMOS TERMINAR ESTA SÉRIE DE PERGUNTAS COM A IDADE. CELEBRAM ESTE ANO MAIS DE 30 ANOS DE EXISTÊNCIA. O QUE FALTA AINDA FAZER AOS SACRED SIN? E SABENDO O QUE SABEM HOJE, O QUE TERIAM A DIZER AOS SACRED SIN DO INÍCIO?

Com Sacred Sin já se fez muita coisa e como pioneiros da cena nacional, muitas dessas coisas que fizemos fazem parte da história do Metal nacional. O que diria aos Sacred Sin do início, sabendo o que sei hoje? Que sigam o vosso sonho, façam música que gostem de tocar e ouvir, e apreciem a viagem. O que virá, muito ou

pouco, mau e bom, é parte desse caminho. É isso que ainda hoje digo as novas bandas que vão surgindo e nos cruzamos na estrada.

O que ainda falta fazer a Sacred Sin? Muita coisa, ou nada, depende do tamanho do teu sonho ou ambição. Para mim, agora falta promover este disco, fazer apresentação dele ao vivo, e tocar ao vivo sempre que for possível. Depois, escrever novo álbum, e o ciclo repete-se, enquanto existir em nós essa vontade, e claro, o mais importante, o apoio dos fãs que queiram nos ouvir, a nossa gratidão por esse apoio reflete-se na nossa dedicação, empenho e profissionalismo. Obrigado!!

**SREF CONCERTOS - ARTES & MÚSICA**  
R. VILA DO SEIXAL 1, FEIJÓ 2810-141 ALMADA

**SHE PLEASURES HERSELF**  
23H/00H

**damn sessions**  
21H/22H30

**THE DREAMS NEVER END**  
18H/19H

**UNCANNY CHAMBER**  
16H30/17H30

**06 AGOSTO** ABERTURA DE PORTAS AS 16H  
ENTRADA: 5 SPOTS

**LATE NIGHT ROCK**

**HOLLYWOOD LIVE MUSIC**

**7 A TELEFONIA DA RUA**  
WWW.SETEPONTOSETE.PT

# VËLLA



## Entrevista aos Vëlla:

ENTITY VOL.I É A NOVA PROPOSTA SONORA DOS VËLLA. COMO SE DESENVOLVEU O PROCESSO DE COMPOSIÇÃO DOS TEMAS E QUE DIFERENÇAS EXISTEM, PARA VOCÊS, EM TERMOS MUSICAIS PARA O VOSSO REGISTO DE ESTREIA COMA?

Antes de mais queremos agradecer à Lusitânia pela oportunidade de falarmos um pouco sobre o nosso trabalho.

A composição dos temas do Entity vol. I começou durante a pandemia. Mesmo estando confinados fomos gravando

ideias em casa e enviando uns aos outros esboços de possíveis músicas. Apesar disso deixámos sempre em aberto a composição de mais temas e de alteração dos que nos soavam melhor. O nosso processo criativo nunca está fechado até ao dia em que as músicas são gravadas.

Em termos musicais achamos que este novo trabalho de Vëlla possui uma identidade mais vincada em relação ao Coma, apresentando também uma maior coesão. Agora conhecemo-nos melhor enquanto banda e sabemos melhor o que cada um de nós pode trazer para cada composição. Mas nós nunca nos



preocupamos muito em ter todos os temas dentro de uma só redoma estilística a nível musical. Aborrecem-nos as fórmulas feitas e, talvez por todos ouvirmos tipos de música diferentes isso acaba por se espelhar no que fazemos. Nem sequer nos preocupámos em este Entity vol. I ter de ser diferente do que fizemos no passado, porque isso ia acontecer já que estamos sempre a crescer como músicos e como pessoas. A única coisa que sentimos é que necessitávamos que as músicas tivessem mais *hooks* e partes mais memoráveis, fazendo com que a música que se entrinhasse de uma forma mais imediata nos ouvidos das pessoas. Acho que isso foi alcançado.

ONDE E COMO DECORRERAM AS SESSÕES DE GRAVAÇÃO DO ÁLBUM? DECIDIRAM ENTREGAR A PRODUÇÃO DO TRABALHO AO VOSSO BAIXISTA, CÉSAR CRAVEIRO. DIGAM-NOS O PORQUÊ DESSA OPÇÃO E SE ESTÃO SATISFEITOS COM O RESULTADO FINAL?

As gravações decorreram no estúdio Raising Legends Lisboa, propriedade do Caesar, na Rinchoa (Linha de Sintra). Basicamente aproveitámos uma janela de tempo em que ele não tinha ninguém no estúdio para gravar. Foi um processo intenso porque tivemos um contratempo enorme devido a dois membros da banda terem estado infetados com Covid-19, e como não estiveram infetados em simultâneo, isso acabou por causar o efeito bola de neve. Atrasou bastante o processo de captação, o que veio a afetar o tempo que o Caesar teve para misturar e masterizar.

A escolha de ter sido ele a ficar a cargo da produção, mistura e masterização foi algo natural para nós, pois ele tem ideias bem definidas de como a banda deve soar e o trabalho dele é de alta qualidade. Estamos muito satisfeitos com o resultado final, ainda por cima tendo em conta todas as contrariedades que tivemos, mas no futuro gostaríamos também de trabalhar com produtores exteriores à banda.

LIRICAMENTE SOBRE O QUE VERSA ESTE ENTITY VOL. I?

As letras falam das várias entidades que um ser humano pode ter dentro de si. Um pouco à imagem de Dr. Jekyll and Mr. Hyde. O Pedro Lopes (vocalista) baseou-se nisso para ter um conceito sobre o qual escrever as letras deste trabalho de Vëlla. Obviamente que isso lhe deu uma grande liberdade pois, como todos sabemos, o ser

humano é, em si mesmo, repleto de (id)entidades diferentes. No trabalho somos uma pessoa, no palco outra, fora dele outra. O conceito é esse. Mais do que isso é-nos difícil revelar, nem gostamos muito de levantar o véu. Nós queremos que o ouvinte relacione as letras e as músicas com as suas próprias experiências, fazendo assim com que torne as músicas também suas. Isso faz com que a sua ligação ao nosso trabalho seja mais forte. Se revelássemos o assunto que levou o Pedro a escrever determinada letra poderíamos estragar essa ligação que pretendemos que o ouvinte estabeleça com a nossa obra.

O DISCO TEM EDIÇÃO A CARGO DA ART GATES RECORDS, PARA JÁ, APENAS EM FORMATO DIGITAL. ESTÁ PREVISTA UMA VERSÃO DO TRABALHO EM FORMATO FÍSICO?

Entity vol. I é a primeira de duas partes de uma obra. Mais para o final do ano será lançado o vol. II e aí, sim, sairá uma versão física, em disco duplo, com ambos os volumes.

O nosso guitarrista Mário Lopez teve esta ideia de lançarmos o disco dividido em duas partes, e nós apresentámos esta ideia à Art Gates Records, que concordou de imediato, pois assim temos uma maior janela de promoção do nosso trabalho. Neste momento temos o nosso foco na promoção do vol. I e na altura em que o vol. II for lançado trabalharemos a

promoção desse volume. Isso levará, inevitavelmente, que as pessoas que ouçam o vol. II procurem o vol. I.

Resolvemos fazer o lançamento desta forma porque a sociedade do século XXI é uma sociedade de consumo imediato, que reage a permanentes estímulos. Repara que a maioria de nós hoje ouve música pelos nossos *smartphones*, aparelhos onde somos bombardeados com informação constante. Para evitar que o disco se desvanecesse em pouco tempo optámos por o separar em duas partes. Achamos que assim a obra terá uma maior atenção do público, imprensa e promotores.

E JÁ AGORA, O QUE MOTIVOU ESTA TROCA DE EDITORAS VISTO QUE ESTAVAM NA RAISING LEGENDS RECORDS?

A Raising Legends Records será sempre uma casa a que chamamos de nossa. O André Matos apostou em Vëlla sem sequer ouvir uma nota das nossas músicas. Estamos-lhe imensamente gratos por tudo o que nos proporcionou e que ainda nos proporciona, porque a ligação com ele não se extinguiu por completo. O André ainda nos ajuda com algum *booking* sempre que lhe é possível.

A ligação à Art Gates Records nasce da nossa procura em chegar ao maior número de pessoas possível e todos sabemos que em Espanha existe um

mercado muito maior que o português, com muito mais pessoas, mais salas, mais festivais. O mercado nacional é pequeno e já conhecemos maior parte das pessoas do nosso meio, e embora tenhamos muito orgulho no que se faz em Portugal, decidimos que era altura de olhar para Portugal e Espanha como um mercado conjunto. Após alguns contactos exploratórios, para conhecer melhor a forma de trabalhar do Iván e da Art Gates Records, chegámos à conclusão que seria benéfico para a banda ter alguém do outro lado da fronteira a assumir a edição e promoção do nosso próximo trabalho.

O que queremos é ter alguém que faça chegar o nosso som às pessoas certas e que o promova da maneira certa e a Art Gates Records tem uma estrutura altamente profissionalizada, com pessoas espetaculares em todos os departamentos. Além disso eles fizeram-nos de imediato sentir em casa, pois gostam de cultivar um espírito familiar. Estamos muito contentes com este passo e esperamos crescer imenso ao lado deles.

EM TERMOS DE EXPECTATIVAS, ATÉ ONDE ESPERAM CHEGAR E O QUE PRETENDEM ALCANÇAR OS VËLLA COM ESTE NOVO TRABALHO?

O nosso objetivo é que, juntamente com a Art Gates Records, consigamos levar o nosso trabalho aos ouvidos do maior número de pessoas possível, e que com isso também consigamos captar a atenção

do público, e por consequência dos promotores e da imprensa especializada. Acreditamos que todo este árduo trabalho nos irá fazer crescer e evoluir, permitindo, como consequência, que a banda tenha uma expressão e força muito maiores e que, por fim, consiga subir a palcos que por hora ainda não conseguiu.

O QUE SE ENCONTRA AGENDADO E PLANEADO EM QUESTÕES DE PROMOÇÃO E DIVULGAÇÃO DO VOSSO NOVO DISCO E NOME PARA OS TEMPOS VINDOUROS E FUTURO PRÓXIMO?

A forma que nos dá mais gozo para promover o nosso trabalho é tocar ao vivo. Tivemos o Laurus Nobilis Music Festival, no passado dia 21 de julho, ao lado de nomes como Manowar, Lacuna Coil, At The Gates, Decapitated, Downfall of Mankind, entre outros; e temos vários concertos agendados como por exemplo o Vialonga Fest, dia 10 de setembro, onde vamos tocar ao lado de grandes bandas do panorama nacional. Há ainda outras datas que já temos fechadas, mas que ainda não podemos divulgar pois temos de aguardar que os promotores o façam.

A restante promoção do nosso trabalho irá consistir em fazer mais vídeos, promovendo-os intensamente, para que o nosso nome e o nosso som fiquem na cabeça das pessoas. Além disso a Art Gates Records tem um departamento de imprensa bastante dedicado que nos tem permitido alcançar vários media que nos

têm dado maior visibilidade. A promoção passa um pouco por isso; promover ao vivo, nas redes sociais, nos media, através de vídeos. Temos um plano bem delineado, mas que envolve uma logística

grande, felizmente estamos em permanente contacto com a Art Gates e também são eles a dar ritmo a todo este processo e a aconselhar-nos o melhor caminho.



# HOLLYWOOD SPOT

## ESTRELAS DO FEIJÓ

APRESENTA:

**ZURRAPA**

**ESTADO**

**+**

**TERMINAL**


**20 SÁBADO AGOSTO**

**APOIOS:**

- LIFE RIGHT ROCK
- 77 SETE PONTOS SETE
- Logo with '75' and 'SETE PONTOS SETE'
- HOLLYWOOD LIVE MUSIC

**SREF - ESTRELAS DO FEIJÓ**  
**RUA VILA DO SEIXAL, N.º 1**  
**ABERTURA DAS PORTAS: 21.00 H.**

**ENTRADA 5 SPOT'S**



**HME**  
**HARD METAL FEST**  
**MANGUALDE**

OLDEST METAL FESTIVAL IN PORTUGAL

# PESTILENCE (HOL)

**HATE SQUAD (GER) • MORTUARY DRAPE (ITA)**  
**RAMP • CORPUS CHRISTII • ATTICK DEMONS**  
**ALCOHOLOCAUST • BIOLENCE • TOXIKULL • DEATH & LEGACY (ESP) • SADISTIC OVERKILL**

**6 AGOSTO 2022** **27<sup>TH</sup> EDITION**

OPENAIR • CLUBE CAÇA E PESCA • MANGUALDE

# EXÓRDIOS

## A VALSA DO ADEUS?

Costuma-se dizer que “tudo tem um fim”. É um daqueles lugares-comuns que tendemos a aceitar como irritantemente certos, pois parece dizer de forma directa e escoreita uma coisa absoluta. Uma daquelas frases que aparentemente encerram uma espécie de propriedade inelutável e que, portanto, insuflam formas de aceitação resignada perante a convicção de que há coisas que são realmente inevitáveis.

Poder-se-á aplicar este raciocínio ao desfecho da Revista Lusitânia, ou feita desta maneira, a conversa fica a soar a coisa muito redutora e maniqueísta? Bom, no imediato parece óbvio que este projecto atingiu o seu ocaso, em parte porque qualquer projecto tem também uma vida que, em rigor, está sempre umbilicalmente ligada à biografia do(s) seu(s) criador(es) e, sobretudo, às circunstâncias em que essa vida se vai desenvolvendo. Como tal, é perfeitamente normal que a trajectória evolutiva dos projectos possa levar à necessidade de balanços e reavaliações. Ou porque se atingem os objectivos idealizados, ou porque os mesmos deixam de fazer sentido, ou porque se tornam inviáveis, ou porque os interesses mudam, ou porque alguma mudança adversa obriga a priorizar as coisas de outra forma

ou porque qualquer outra coisa parecida ou muito diferente destas. As possibilidades podem ser abundantes e não é isso, pelo menos aqui, o importante. Aquilo que faz sentido questionar é se o fim da Revista implica uma mutilação severa às formas que temos de conhecer, experienciar e de cultivar modos de relação com o universo do rock e do metal em Portugal.

Na minha leitura pessoal não estabeleço essa conexão, porque quem valoriza ou se dedica com um mínimo de entrega volitiva a esta esfera musical, vai sempre encontrar formas de se envolver e de investir tempo, dedicação e daí retirar satisfação. Nesse sentido, a analogia que podemos estabelecer entre a relação dinâmica com este universo musical e a valsa, é algo que me parece apropriado. Como na valsa, assumimos um contacto de proximidade, uma ligação física que nos permite sentir uma intimidade palpável e a partir daí, girarmos em rotações controladas ao som dos seus compassos (ternários ou outros). Quem se sente agarrado a um universo que lhe é constitutivo, pela importância que assumiu e assume numa parte importante da construção do seu eu, nunca largará o seu par e saberá adaptar a sua comunhão a novos andamentos. Se o rodopiar da



dança será mais familiar ou mais desconhecido, isso é algo que se vai sentido, à medida que as composições imprimem as suas próprias cadências.

Isto dito, creio que o adeus de um projecto não tem de significar a despedida de uma visão, de uma forma de estar ou de uma forma de explorar novas possibilidades de envolvimento num circuito que, embora pequeno e limitado, tem as suas dinâmicas e encantos. Este circuito precisará sempre de todos os bons contributos, mas quem se sente comprometido com algo encontra sempre formas de marcar alguma diferença. Se os resultados dessas outras formas de reentrar em cena são mais lentos ou imediatos, discretos ou espetaculares, é algo que não está escrito nas estrelas. A vida é isto; são coisas a acontecer em tempo real e sempre a contrariar ideias teleológicas de que tudo segue um rumo pré-definido, seja ele de triunfo ou de queda.

Pela minha parte agradeço a oportunidade de andar para aqui a debitar o que entendi chamar de exórdios. Fez-me sentido aproveitar este espaço para, de forma deliberadamente introdutória e preambular, dizer coisas que podem ser interessantes de explorar a partir de outras perspectivas de aprofundamento. Num tempo em que há tantas certezas e posições tão sobranceiras, não me pareceu má ideia aflorar sem grandes certezas,

tópicos e ideias que podem ser bons pontos de partida para se ir construindo diálogos e reflexões com mais espessura e sedimentação. Na verdade, acabo sem nunca ter percebido se alguma vez fui lido ou se alguma vez consegui interpelar alguém. Mas como a escrita é, em alguma medida, um certo acto de egoísmo, valeu pelo exercício de poder pensar e dizer coisas que de outra forma nunca veriam a luz do dia. Pela minha parte o meu adeus é como o da valsa; rodopiarei agora num outro sentido. Assim continuarei enquanto dispuser do fôlego, mas, sobretudo, enquanto me sentir animado pelo entusiasmo que sempre alimenta qualquer relação que implique alguma genuína comunhão. ---HR

Nota da redação: texto escrito segundo o antigo acordo ortográfico.

**COMENDATIO**  
MUSIC FESTIVAL  
PAÇO DA COMENDA // TOMAR

**PLINI HAKEN**  
RENDEZVOUS POINT GODSTICKS  
KANDIA **LAND** NEEDLE  
BLAZE THE TRAIL BOLU<sub>2</sub> DEATH REI BRUXO ALLAMEDAH  
DREAM PAWN SHOP BONG KONG FIFTH EMPIRE

6-7 AGOSTO 2022

COMENDATIO.COM

# PERDIDOS NO SÓTÃO

BREVES REFLEXÕES SOBRE DISCOS

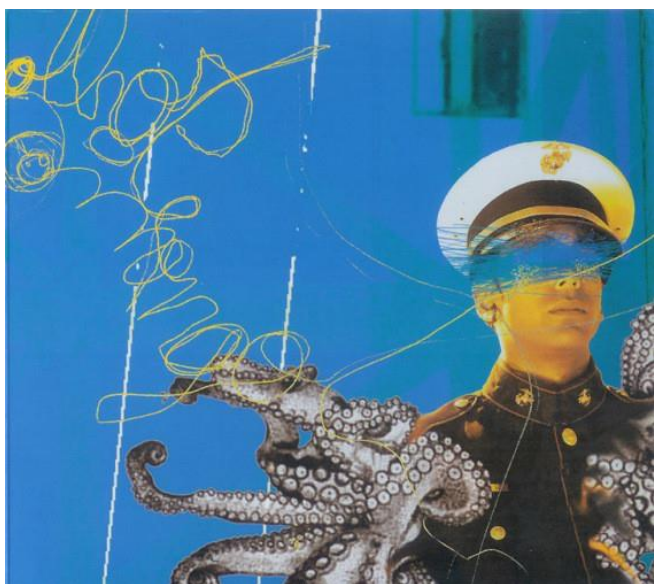
(continuação do número #22)



Mas, ainda assim, será o género mais pesado a evidenciar a sua força produtiva como se comprova de seguida pelos lançamentos em disco de projetos como, os D'Evil Leech Project com *Bleed Your Mind* editado pela Raging Planet, os Comme Restus com *Pharmácia Ananá* editado pela Sandes de Choco Records, os Eternal Mourning e o seu *The Resident Sadness* editado pela GOI Music, os Ciborium com o seu *Overgrowing Human Void* através da Recital Records, os Neoplasma com *Sidereal Passage* editado pela Dark Music Productions, os Ironsword com *Return of the Warrior* editado através da The Miskatonic Foundation, os Arya com o seu disco

homónimo editado pela Recital Records, os ThanatoSchizO com *Turbulence* editado pela Misdeed Records, os Trinta e Um com o seu abrasivo *hardcore/punk metal* do disco *Terceiro Assalto* editado pela Crossover Records, os TwentyInchBurial com *How Much Will We Laugh and Smile* e os More Than A Thousand com *Trailers are Always More Exciting than Movies* ambos editados pela Raging Planet, os históricos Web, cujo início de atividades remonta aos anos 80 e que marcaram presença na primeira compilação do metal português editada em 92, que finalmente editam o seu álbum de estreia *World Wild Web* através da Independent Records, os Filii Nigrantium *Infernalium* que retornam às edições, depois da estreia de 95, com *Fellatrix Discordia Pantokrator* via ProCon Media, os My Enchantment com *Symphonic* em edição de autor, os Ethereal com *Towers of Isolation* editado pela Recital Records, os The Firstborn com *The Unclenching of Fists* através da ProCon Media ou ainda os If Lucy Fell com a sua estreia *You Make me Nervous* editada pela Rastilho Records.

Entramos agora na segunda metade desta primeira década do novo milénio destacando o rock alternativo dos Linda Martini no seu disco de estreia *Olhos de*



Mongol editado pela Naked, dos Easyway com Can You Keep a Secret editado através da Zona Música e dos Dapunksportif com Ready!Set!Go! editado pela Rastilho Records, o *power/punk rock'n'roll* dos Anti-Clockwise no disco No One to Follow editado pela Som Livre, a estreia homônima dos You Should Go Ahead pela Chiado Records, eles que com o seu *new wave/rock* alternativo serão selecionados para participarem no famoso festival americano South By Southwest em Austin no Texas, o *rock/metal* industrial dos Dr. Salazar no autofinanciado Antes & Depois, o *heavy metal* dos Timeless em Dawning Light editado em nome próprio, o disco de mais um nome histórico da cena metal nacional cujo percurso se iniciou a meio dos anos 80, os Alkateya com Lycantrophy editado pela Eat Metal Records, o *death metal* melódico dos Shadowsphere em Hellbound Heart editado pela Recital Records, o *death/grind* dos Holocausto Canibal com Opusgenitalia editado

através da Cudgel, o disco de estreia dos CineMuerte, Born From Ashes, editado pela Raging Planet, os Before The Rain com ...One Day Less editado pela Major Label Industries, o rock alternativo do disco de estreia e homónimo dos Mundo Cão editado através da Som Livre, o *blues/rock* de Sean Riley & the Slowriders com "Farewell" igualmente da Som Livre, o *post/stone rock* dos Men Eater com o seu disco de estreia Hellstone editado pela Raging Planet, o *black metal* dos Corpus Christi no disco Rising editado pela Nightmare Productions, o doom metal dos Divine Lust em The Bitterest Flavours editado pela Deadsun Records, o metal de ambientes *doom* dos Ava Inferi com The Silhouette editado pela Season Of Mist, os Devil In Me com o seu *hardcore* em Brothers in Arms através da editora Sons Urbanos Records, o rock de textura eletrónica, gótica e industrial dos [F.E.V.E.R.] com 4st-Fourst editado pela Raging Planet, os Concealment com a sua abordagem brutal, técnica e extrema ao metal na estreia Leak através da dFX Media, os discos de dois cantautores, um de nome Old Jerusalem com The Temple Bell editado pela Bor Land e outro chamado Noiserv que surge com One Hundred Miles From Thoughtlessness numa edição em nome próprio, onde musicalmente são expostas influências rock em formato alternativo, lo-fi, experimental e acústico, os Murdering Tripping Blues com Knocking at the Backdoor Music editado pela Raging

Planet, os Vertigo Steps e o seu *post/rock metal* de contornos progressivos do seu disco homónimo editado pela Ethereal Sound Works, os Theriomorphic com The Beast Brigade editado pela Praise Unholy Records, os Riding Pânico com Lady Cobra e os We Are The Damned com The Shape of Hell To Come ambos editados através da Raging Planet, os Oblique Rain com October Dawn editado pela Major Label Industries, os The Ransack com Vortex editado pela Recital Records, os Witchbreed com o seu disco de estreia Heretic Rapture editado através da Ascendance Records, os Miss Lava com Blues for the Dangerous Miles e os Dawnrider com Two ambos editados pela Raging Planet, os Process Of Guilt com Erosion editado pela Major Label Industries e finalmente os Switchtense, os Simbiose e os Revolution Within com Confrontation of Souls, Fake Dimension e Collision, respectivamente, todos editados pela Rastilho Records.

E eis que ao entrar no último ano desta nova década damos conta que nos aproximamos cada vez mais do epílogo deste nosso espaço, pois qualquer dos registos que se possam mencionar pouco ou nada têm ainda de perdidos dada a sua edição recente. Afinal de contas uma dezena de anos é, na nossa opinião, ainda pouco tempo para que possam ser votados ao esquecimento por parte de uma memória musical coletiva que se deseja ativa e abrangente. Assim para concluir



nada melhor que deixar uma breve e simples nota final sobre este período de tempo, no qual se assistiu ao aumento exponencial de lançamentos discográficos deste tipo de ondas roqueiras, pesadas e alternativas, superando em número de edições muitos outros géneros musicais, o que coloca todo este movimento, em termos de contributo criativo e atividade, na vanguarda da produtividade e desenvolvimento do cenário musical nacional, não sendo no entanto e infelizmente, por parte dos media generalistas, motivo de especial atenção e merecido destaque.

Bem Hajam & Até Sempre

# TUDO ISTO É FIXE, TUDO ISTO É ROCK

É O FIM? NÃO. É APENAS UM PRINCÍPIO

«Chegados enfim ao Ramalhete», assim começa o Eça de Queirós Os Maias. Um início que é um fim de uma jornada, mas que evoca o início de outra. O que é curioso porque os costumes que o Eça descreve naquela época não estão assim tão diferentes passados cento e tal anos.

Desceu o pano, enrolámos os cabos e arrumámos os instrumentos. Aqui acabou e a estrada levar-nos-á a outro lugar. Uns voltarão para casa, outros irão cantar para outra freguesia. Esta banda, é certo, chegou ao fim. Seca as lágrimas, meu piegas! Não há espiga: Tudo isto é fixe, tudo isto é rock!

O fim de um projeto feito por carolice é sempre triste, especialmente num meio em que é tão necessário a existência de vozes diferentes que ofereçam perspectivas de outros ângulos que nos permitam fugir à uniformização do gosto. Não sei como será noutros países, mas por aqui sempre me pareceu que causa desconforto encontrar formas distintas de fazer as coisas. As bandas tocam todas com os mesmos pedais, gravam com os mesmos microfones, com os mesmos produtores, nos mesmos estúdios à procura, para quê, do mesmo som que outros antes deles obtiveram com bons

resultados. É legítimo, mas não é arte, é design. É comércio. E quando as bandas fazem as coisas de forma diferente e apresentam um resultado artístico distinto e pessoal são premiadas recebendo pouca ou nenhuma atenção dos meios de comunicação, são ignorados pelas rádios e têm, conseqüentemente, os concertos às moscas. Deverão as bandas adotar uma tática diferente? Não, porque isto não é futebol: é arte. E na música não há vencedores, mas há quem se venda muito bem. Bom para eles. A questão é que o artista, o verdadeiro artista como diz o outro, não é um boneco de um ventríloquo, tem voz própria e deve usá-la para expressar o que sente e o que pensa. E não deixa de ser curioso e talvez merecesse outra reflexão mais aturada que o público tenha mais oferta de espetáculos de ventríloquos do que de concertos de música original.

Custa-me aceitar que após, ou ainda, termos passado por esta merda desta pandemia e se ter falado tanto, coitadinhos, dos artistas e dos técnicos e que era preciso mudar imeeeeeensa coisa e valorizar os músicos e pardais ao ninho, que tenhamos voltado exatamente ao mesmo ponto em que estávamos em fevereiro de 2020. E realmente, porque é

que se há de mudar quando os mesmos gajos continuam a lucrar com o negócio que criaram. Por mesmos gajos, refiro-me aos magnatas dos festivais que na realidade mandam neste negócio no nosso retângulo e pior, quase que são condecorados pelo estado português por altos serviços prestados à cultura em Portugal quando a realidade é que não prestam serviço nenhum, antes pelo contrário: são a raiz do problema. São eucaliptos que secam tudo à sua volta, enquanto crescem por ali acima.

Peço desculpa se me disperse, mas se o faço, é porque penso que o retrato da música em Portugal é este. É mau e sempre foi. Basta ler a coluna do José Bonito na Revista e perceber a pobreza franciscana em quantidade e qualidade do rock que foi editado em Portugal desde que o rock existe enquanto género musical. Eu sei que há bandas e muitas. E existem centenas de álbuns que foram editados ao longo dos anos e que foram olímpicamente ignorados por quem as não deveria ter ignorado.

Por isso, sim. O fim de um projeto editorial como este, é uma má notícia. Tal como o fecho, durante a pandemia, de cada um daqueles clubes de música ao vivo que programavam *gigs* de música original foi uma má notícia. Tal como o fim de algumas rádios independentes que tinham bons programas de autor ou o fim dos suplementos semanais dos jornais

diários. E é uma má notícia porque sempre que um destes projetos chega ao fim, é menos divulgação musical que chega aos ouvidos do público. Porque a realidade é que se o público só vir livros do Rodrigues dos Santos nos escaparates das livrarias vai acabar por achar que aquilo é que é literatura. *Capisce?* E saímos todos a perder porque aquilo é uma valente merda. Em suma, tudo isto é triste, tudo isto é rock como diz o fado do Armandinho.

Do que é que vale gastar guito nos autocolantes a dizer «Apoia a tua cena local?» Não é mais efetivo gastar cinco paus a ir a concertos do pessoal da vossa cena local? Compre o merchandising e os discos, e não frequentem as plataformas digitais de má fama que só pagam 0,00013€ por cada escuta ao músico. Sabiam? São precisas cinco mil escutas para um gajo beber uma bica. Isto se tiverem outra hipótese.

Foi um prazer ter feito parte desta equipa. Espero encontrar-vos por aí nos concertos por esse país fora.

Rock'on! --- *PJ*

# LANÇAMENTOS DESTE MÊS

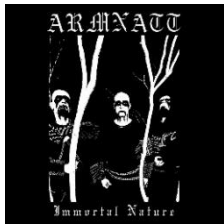
...E PRÓXIMOS



AMIDST DREAMS OF TOMORROW – Memories of a Wandering Soul

Post Rock / Post-Black Metal, álbum, Digital, 8 faixas, 41:53

Edição de Autor



ARMNATT – Immortal Nature

Black Metal, álbum, CD + Digital + K7, 10 faixas

Signal Rex



ICOSANDRIA – Icosandria

Post Black Metal, EP, CD + Digital, 4 faixas

Edição de Autor



INHUMAN DEPRAVITY – The Experimenteadead

Old School Brutal Death Metal, álbum, CD

Gruesome Records



HUNTED SCRIPTUM – Paracusia

Ruthless Death Metal, álbum, CD

Gruesome Records



LORD OF CONFUSION – Evil Mystery

Doom Metal, álbum, CD

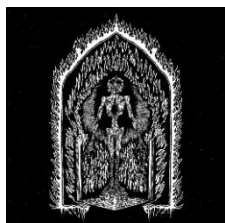
Gruesome Records



MASTER DY – Legacy of Satan

Heavy Metal Melodic Death Metal, álbum, CD + Digital + Vinil, 11 faixas

Edição de Autor



MONS VENERIS – Inversados d’Um Abismo de Podridão  
Proto Black Metal, álbum, CD + Digital + K7 + Vinil, 8 faixas  
Signal Rex



STONES OF BABYLON – Ishtar Gate  
Stoner Doom Metal, álbum, CD + Digital, 6 faixas  
Raging Planet

## AGENDA

### Setembro 2022

- |    |       |   |
|----|-------|---|
| 10 | --:-- | Gatos Pingados + HoChiMinH + Revenge of the Fallen + Theriomorphic + Vëlla + Wako @ Vialonga Fest, Vialonga |
| 17 | 17:00 | Simbiose + Gatos Pingados + Verme + Nagasaki Sunrise @ Abismo Fest, Hollywood Spot, Feijó                   |
| 24 | 15:00 | The Voynich Code + Godiva + Equaleft + Nihilicity @ River Stone Fest, Rio de Moinhos, Penafiel              |

### Agosto 2022

- |     |       |   |
|-----|-------|---|
| 5   | 23:00 | Xutos & Pontapés @ Festival Mais Solidário, Castelo Branco  |
| 6   | 15:00 | Ramp + Corpus Christii + Attick Demons + Alcoholocaust + Biolence + Toxikull + Sadistic Overkill @ MHF, Mangualde   |
| 6   | 16:00 | She Pleasures Herself + Damn Sessions + The Dreams Never End + Uncanny Chamber @ Hollywood Spot, Feijó              |
| 6/7 | --:-- | Kandia + Needle + Rei Bruxo + Allamedah + Dream Pawn Shop + Bong Kong + Fifth Empire @ Comendatio Music Fest, Tomar |
| 7   | 23:00 | Xutos & Pontapés @ Expofacic, Cantanhede  |
| 20  | 21:00 | Zurrapa + Estado Terminal @ Hollywood Spot, Feijó   |
| 26  | --:-- | Tara Perdida @ Festival Vilar de Mouros, Vilar de Mouros  |

Nota: alguns eventos podem ser cancelados ou adiados em função da evolução da Pandemia Covid-19 em Portugal.



# ARTWORK

REVISTA LUSITÂNIA #10

No âmbito do tema de capa do número #10 da Revista Lusitânia, perguntámos a alguns profissionais do meio habituados a criar e desenvolver a imagem de trabalhos, alguns nossos conhecidos, três perguntas simples:

1. Como nasceu o teu gosto pelas artes gráficas?
2. Como é trabalhar com as bandas o conceito do artwork?
3. O que sentes quando finalmente tens o produto nas mãos?

Aqui fica um testemunho não publicado na altura.

Um pouco acidentalmente. Já tinha algum interesse por banda desenhada e, claro, pela arte das capas dos discos, mas nunca imaginei que viesse a trabalhar nisso. Quando estava para desistir de um curso de engenharia na Faculdade de Ciências de Lisboa e andava à procura de alternativas, havia um curso de Design Gráfico em horário pós-laboral com a duração de um ano e pareceu-me ser uma boa opção. Tive a sorte de arranjar um estágio de três meses numa editora de revistas, a fazer tratamento de imagem, e, aí, surgir uma vaga no departamento de paginação e ter sido convidado a experimentar, acabando por ficar com o lugar. O gosto acabou por se ir aprofun-



Jó (Loom Design)

dando à medida que fiz o curso e, principalmente, quando comecei a trabalhar e a conhecer por dentro este mundo.

Normalmente, eu faço o grafismo ou layout, mas não sou ilustrador. Trabalho com ilustrações feitas por outras pessoas, ou então faço composições com fotografias, como aconteceu com o último EP de Theriomorphic, Of Fire and Light. Sendo a minha banda, quando faço alguma coisa a relação é pacífica, porque o «eu-designer» sabe bem o que o «eu-cliente» pretende, mesmo que algumas ideias sofram alterações significativas ao longo do processo. No caso dos dois primeiros álbuns de Theriomorphic, com

ilustrações de outras pessoas, dei-lhes a conhecer por alto o significado das letras e apresentaram-me depois a sua própria visão, que se enquadrou perfeitamente, em ambos os casos. Ao trabalhar com outros músicos, é o mesmo processo que ocorre noutros trabalhos, como logótipos e outras coisas fora da música. Primeiro, tento perceber o que o cliente ou, neste caso, a banda tem em mente, peço para ouvir os temas e ler as letras, e depois começo por procurar alguns tipos de letra que me pareçam adequados e, a partir daí, esboço as primeiras ideias e conforme me agradam ou não, vou desenvolvendo o restante trabalho em função do material existente, sejam fotos ou ilustrações. Houve casos em que tinha material para usar em diversas peças, outros em que tive

de pedir ou ir buscar mais coisas ou então fazer montagens com elementos de diferentes imagens.

Cada situação tem os seus próprios desafios, e puxa pela inspiração de maneira diferente. Ao terminar, conseguindo juntar todos os diferentes elementos num trabalho que considere coerente, há obviamente uma enorme satisfação. Depois vem a parte mais importante, que é o cliente gostar e identificar-se com o resultado final e achar que representa bem o seu trabalho. Tenho tido sorte nessa fase, e isso traz uma sensação de dever cumprido, porque o objetivo, mais do que eu gostar, é eles gostarem da cara que se está a dar à sua música.



# O FIM

REVISTA LUSITÂNIA #8

O Fim, letras sobre O Fim, poemas sobre O Fim, textos sobre O Fim, nada mais que O Fim, ou apenas o resultado do desafio lançado pela Revista Lusitânia aos seus colaboradores e aos letristas do Rock e Metal Português. Mais um texto não publicado na altura. A última letra...

## O FIM

de Marion Cobretti

(Clockwork Boys)

O fim é apenas o começo  
E a liberdade tem um preço  
Em pequeno, cai do berço,  
De que me vale rezar o terço

O fim, o nada, a pedrada...  
Sou só eu e tu nesta estrada  
No meio das mágoas abro as portas à ilusão...  
Já vejo as tábuas do meu caixão

Antes da guerra biológica,  
eu nasci nos 70,  
bebíamos da mesma garrafa,  
numa cave bafienta

Ganzas rodavam de mão em mão,  
todos fumavam do mesmo canhão  
sem medo do herpes, sem medo dos germes,  
sem medo do vírus, fértil como HERMES

Hoje estou de cabeça cheia  
sinto a paz a entrar na veia.  
JÁ FODI mais uma meia,  
a coisa hoje vai ficar feia

EU e DEUS temos uma relação marada,  
ele acredita em mim, eu não acredito em nada  
estamos nos últimos tempos,  
já dizia a profecia,  
bill gates quer tapar o sol,  
a terra vai ficar fria  
nesta vida fui pirata,  
olha a caveira e as tíbias,  
aqui levas chumbo ou prata,  
enquanto eu folheio bíblias  
três dias de escuridão,  
reinado do anticristo,  
um planeta em convulsão,  
o cenário é sinistro

resta nos esperar pelo fim  
a vida é mesmo assim  
tem dias felizes  
tem dias ruins

Obrigado.